

# **O caráter de mercadoria do amor, da teoria e da revolução**

Histórias para interessados em Marx III

**Alexander Kluge**

## Sumário

Na segunda natureza

Como sociólogo e pesquisador de sistemas na China

Artérias de luz

Fazer uma coisa por causa dela mesma

A imensa demanda de tempo das revoluções

O que é um “grupo fusionista”? / Rosa Luxemburgo e a revolução de 1905

Visita-relâmpado em Davos

Uma estimativa para a demanda de tempo da “transformação das forças psíquicas”

Um feito heroico difícil de interpretar

Conversa de fim de tarde sobre os meios de tração do progresso

Fantasmas da revolução

Mulher jovem do Novembro de 1917

Trabalho concatenado

A metáfora da ACUMULAÇÃO ORIGINAL (segundo Marx) / Como supostamente surgiu a disciplina industrial

Os doze servos preguiçosos / Uma história da Idade Média

Uma pessoa quer ser recompensada por causa dela mesma

Inteligência, o recurso com que opera a indignação

Filosofia a martelo e torquês

Adorno sobre a corrente fria

A revolução está fundada no trabalho ou em ideias?

Apocatástase, a “restauração de todos”

Um episódio na batalha de Stalingrado

Meretrício de trabalhadores

O que é verdade?

A dialética é capaz de sonhar?

Sede da alma

O caráter de mercadoria do amor, da teoria e da revolução

Índice de fontes

## Na segunda natureza

Ela vestia uma faixa ou dobradura de lã sobre a parte superior da coxa, significando: mesmo que pareça, não estou nua nessa parte. Fazia muito calor aqui no quarteirão à margem do rio em Xangai para vestir uma peça completa, bem arrumada. O único modo de fazer frente ao calor úmido era deixar muita superfície de pele, uma pele capaz de suar. Era diferente de Singkiang, de onde provinha o clã da família e onde o calor era seco. A mulher crescera mais e ficara mais corpulenta do que os demais membros do grupo familiar. Ela assinalava o centro do grupo sentado na ruela estreita. Juntos eles classificavam uma pilha de cabos elétricos, distribuidores e interruptores que haviam coletado no entulho que constantemente se formava durante a reconstrução da cidade. Numa grande bacia de plástico, eles juntavam o cobre, numa banheira, as peças de plástico, em outra banheira estavam os distribuidores, dos quais, por sua vez, haviam sido desenroscados os parafusos. Tudo isso será vendido por uma esmola a comerciantes e alimentará o clã que não possui um *status* legalizado na cidade. Esse quarteirão logo terá sido demolido. Investidores já compraram o terreno. Então esse clã, assim como toda a população que mora junto ao rio, será distribuído em edifícios novos na periferia da megalópole. Eles esperam que, nesse processo, sejam acolhidos no ciclo organizatório, já que não se pode removê-los dali pela força e ao mesmo tempo tratá-los como ilegais. Eles estão acostumados a extrair algo do solo. O solo da primeira natureza já não existe aqui. Ainda assim, é a economia natural que dita as regras. Agora se trata dos frutos da SEGUNDA NATUREZA, dos bens bem produzidos, que se tornaram supérfluos. A chefe do clã governa um povo de coletores. Esse povo está disposto a se tornar sedentário e até um povo capaz de aprender. Tudo o que é aproveitável será apreciado, considerado com atenção, se for essa a condição para não serem mandados de volta para o lugar de onde vieram. Eles ficarão contentes se puderem ficar juntos. Eles querem manter contato com o chão.

- O que o Sr. quer dizer com manter contato com o chão?
- Uma expressão corrente.
- Essas pessoas estão sentadas no chão de uma rua estreita de um quarteirão de prédios antigos. Elas coletam achados do mundo da técnica, assim como em outras partes do mundo pessoas

descascam camarões ou, envolvendo mais movimento corporal, ajuntam espigas.

- Estamos falando de um “chão social”.
- Estamos falando de uma rua que daqui a oito semanas não mais existirá. As escavadeiras já estão a postos para revolver os 40 metros de profundidade deste subsolo. Depois disso, a rua sobre a qual este clã está sentado não poderá mais ser encontrada.
- As pessoas estarão dispersas. Elas esperam ser transferidas de lugar *juntas*.
- Em que sentido se pode falar de manter contato com o chão num contexto como esse?

A partir do rio se podia ver, enquanto os dois sociólogos faziam suas considerações, uma espécie de radiação ou emanção. Um movimento do ar de cor amarelo-tóxica. O rio, sobre o qual um caldo de cores esquisitas avançava rumo ao mar, como um “progresso das massas d’água” por assim dizer, havia mesclado suas exalações e seus vapores com o calor úmido que pairava sobre a megalópole. Essa nuvem ainda pairaria sobre os canteiros de obras depois que o quarteirão da cidade antiga fosse derrubado, porque a corrente do rio duraria mais do que a transformação dos edifícios da cidade. Com alguma fantasia os dois sociólogos que observavam a cena poderiam imaginar que tais exalações eram testemunhas da “história de todos as gerações mortas de técnicos e engenheiros”, que, sendo assim, “ressurgiam diariamente” após o seu falecimento, a saber, enquanto durasse aquilo que por eles fora engendrado. Pelo menos o clã, que naquela manhã não se mudou daquele lugar, alimentava-se daqueles “restos de almas”.

## Como sociólogo e pesquisador de sistemas na China

Como sociólogo estou cheio de preconceitos. Isso já me foi dito na lata por Niklas Luhmann. Nós, sociólogos, não damos atenção às impressões imediatas, àquilo que o olho irrequieto vê, enquanto nos concentramos no que acontece “na sociedade” (que não se pode ver), em processos e estruturas, que dizem respeito a milhões de pessoas, a dúzias ou centenas de anos. Podemos reconhecer a realidade disso numa “situação concreta” (por exemplo, na confecção de uma agulha de costura na indústria movida pela divisão do trabalho) ou em apresentações gráficas de encher os olhos em nossos computadores. Porém, quando se trata do modo de olhar quando visitamos uma cidade, agimos como pessoas privadas. Eu enlouqueceria se não pudesse exercitar esse olhar não científico. No momento, estamos numa conferência da *London School of Economics* [Escola Londrina de Economia] (em colaboração com numerosas instituições envolvidas no projeto “urban age [era urbana]”) em um hotel em Xangai. Estamos estudando os processos inovadores e destrutivos ligados à reconstrução célere dessa cidade de 13 milhões de habitantes. Sendo que o número de habitantes é mera suposição, pois diariamente chegam, vindos do interior, rios de gente à área urbana, ou melhor, à zona em que aqui acontece a aglomeração.<sup>1</sup> No verão, faz muito calor na megalópole. Nós tivemos sete dias de chuva. Porém, a influência do clima e dos eventos externos causados pelo tempo deve ser considerada pequena frente à do objeto a ser pesquisado; por exemplo, a enorme pressão exercida pelo *lobby* automobilístico sobre o governo regional ainda não se reflete na imagem tranquila das ruas, onde ciclistas e pequenos veículos coexistem com um número relativamente pequeno de automóveis. Acusam-me de olhar como cassandra. Esse “terceiro olho”, a prótese-computador com que operamos, vê com nitidez o futuro talvez com seis a oito anos de antecedência. O que está temporalmente mais próximo e o que está temporalmente mais distante do que isso não têm nitidez.

– Por que isso?

---

1 Nos últimos dois anos, houve 16 grandes reformas da administração da cidade. A última: o acesso foi limitado a candidatos que haviam sido aprovados no exame para o mestrado na universidade. Cada uma das reformas foi ultrapassada pela veemência da transformação social.

– Porque não conseguimos abstrair do que está mais próximo e não sabemos o suficiente sobre o que está temporalmente mais distante.

– E por que o Sr. precisa abstrair?

– Porque não se vê um processo social a partir da proximidade da experiência pessoal.

Eu tinha a impressão de enxergar na cidade fisionomias “carrancudas”, “contraídas”. Passo em revista os rostos na multidão: em comparação com as figuras de rostos sorridentes nos cartazes da época de Mao, está presente agora a seriedade, até uma certa insatisfação, uma distorção na expressão facial, como quando alguém não aguenta mais alguma coisa e procura reunir forças. Esse tipo de “análise poética” é proibida na sociologia. Mas não é proibido supor que a diferença entre a “memória” da fase de edificação em Xangai após 1949 (preservada somente em fotos, produções da imprensa e imagens da propaganda) e a veemência da cidade que hoje está bombando (por que a aceleração não se externaria numa contração das faces? Não seria diferente no caso das forças centrífugas de um carrossel rodando em alta velocidade) se deve ao fato de que agora os traços faciais “teriam sido liberados”. Eles não precisariam mais parecer “otimistas” por consideração. Acredito que, na turbulência de 1929, os berlinenses apresentaram uma expressão facial parecida. O rosto “pende” porque não depende de sua expressão que a sociedade funcione. Em Xangai ela se move com base numa PRIMAZIA DO OBJETIVO. A ela se submetem (por pouco tempo) as propensões subjetivas.

## **Artérias de luz**

“Há luz no interior da pessoa de luz,  
e ela ilumina o mundo inteiro.”

*Evangelho de Tomé 24,3*

O tremendo aumento do número de reavivamentos nas igrejas evangélicas nos EUA é interpretado pelo sociólogo Richard Sennett como “compensação para o *status* perdido no sistema de classes”. Há uma perda insuportável a ser compensada. Sennett afirma que, se o valor objetivo das pessoas, que se reflete em sua força de trabalho, é manifestamente negado pela sociedade, o valor subjetivo deve se aproximar do infinito.

Isso levou ao renascimento do Evangelho apócrifo de Tomé Dídimo. No LOGION [DITO] dele extraído, que concorre com o Evangelho de João, é confirmado pelo próprio Jesus que a luz que compõe Deus, Filho e Espírito também brilha em cada pessoa crente. Carregamos esse tesouro dentro de nós.

A notícia a respeito disso deu a famílias infelizes a oeste do Lago Erie, no natal de 2004, firmeza suficiente para congregar-se em onze novas seitas, que entrementes possuem emissoras de rádio, prédios para reunião e jornais de notícias próprios com base em doações.

## **Fazer uma coisa por causa dela mesma**

No curto espaço de tempo em que se dizia que, nos Estados federativos da Alemanha Oriental, surgiriam “paisagens florescentes”, o consultor empresarial Horst Ziegler, da Alemanha Ocidental, estava sobrecarregado de tarefas. Mal tinha ele analisado alguns aspectos de uma cervejaria, já precisava seguir adiante (geralmente durante a noite) até uma construtora de prédios especiais, até uma fábrica de máquinas para ferramentas e dali para uma usina de eletricidade que operava à base de coque. O tempo todo ele tinha de classificar, delimitar, preparar demissões e seguir adiante, embora o experiente suábio soubesse que suas propostas só tinham valor se fossem postas em prática por ele mesmo ou por alguém treinado por ele. (Mas de onde tirar tempo para treinar alguém? Onde encontraria uma pessoa assim? Quanto tempo seria preciso para procurar essa pessoa?) Exigir isso de si mesmo era bem próprio dele. Mas não se apresentava nenhuma chance de concretizar essa noção. E esse dilema acabou afetando a sua saúde. Ele tinha propensão à pressão alta.

O que mais o atrapalhava, tanto na cervejaria quanto na fábrica de máquinas para ferramentas, eram alguns funcionários que cultivavam uma qualidade especial em seu trabalho, embora ninguém pagasse nada por ela nos mercados. Assim sendo, Egon Fritzsche não queria tirar do programa uma determinada gasosa em latas que combinava sabor de baunilha com o sabor de cerejas frescas, porque a combinação lhe parecia bem-sucedida e rentável nas festas de verão. Era impossível convencer esse homem, por um lado químico, por outro membro do conselho da empresa, de que, para fazer o marketing necessário do produto até aquele momento desconhecido, seria preciso investir recursos de que a empresa não dispunha. O diligente Fritzsche nunca pensava com a cabeça de consumidores dispostos a pagar; o tempo todo ele falava só a partir da perspectiva do seu “produto bem-sucedido”, que realmente borbulhava numa coloração muito bonita de dentro da lata no momento em que esta era aberta. O fecho se encaixava especialmente bem no corpo de lata em forma de cilindro, imitando uma rolha, de modo que já se anunciava aqui uma transição entre o recipiente de lata e a garrafa tradicional. No futuro, esse “inovador” queria adicionar um copo com tampa desenroscável como brinde grátis para o “usuário”. Para Fritzsche o que importava era a coisa mesma, e outras sete personalidades parecidas dificultavam a vida do consultor de empresas Horst Ziegler. Eles ocupavam sem nenhum escrúpulo o seu tempo, embora este não pudesse ser multiplicado. Será que ele deveria

ter desistido ou postergado contratos? Ele nem cogitava isso. O que lhe enrijecia os capilares e as artérias, obrigando-o a procurar médicos e, assim, absorvendo tempo adicional dele, era que, no fundo do coração, ele sentia como esses meticulosos produtores, que levavam sobre ele a vantagem de permanecerem no seu local de trabalho, terem muito tempo de sobra e, no final das contas, logo estariam sobrando também.

Ele estava do lado deles, “como se fossem um pedaço de mim”. Para um “espírito flexível”, máscara com que Ziegler se apresentava, isso era um conflito particularmente perigoso. Com seus quarenta anos de idade, ele podia trabalhar tranquilamente de 12 a 14 horas por dia, mas não com a consciência dividida. Ele queria fazer o seu trabalho porque dava valor a ele, não porque lhe pagavam por isso. Ele xingava os meticulosos produtores que “queriam fazer o seu trabalho por causa dele mesmo”, chamando-os de “detalhistas/pedantes”. No mesmo momento, ele diz para si mesmo: quem xinga mostra que não tem razão. Os sete irreduzíveis foram os primeiros que ele propôs que fossem demitidos. E isso lhe doeu bastante no coração.

## **A imensa demanda de tempo das revoluções**

### **1**

#### **“Éducation permanente”**

Antes de aderir à revolução, Jean Leclerc foi professor particular. Em casas de fazenda e entre a baixa nobreza urbana na Normandia. Desde que alguém pagasse por isso, ele ensinava as crianças.

Então, entusiasmado com os acontecimentos de 1792, ele passou a levantar escolas para a revolução. Os adultos, surpreendidos pelas transformações, necessitavam educação (“éducation permanente”). Os cidadãos precisavam “formar-se”. No ano de 1822, Jean tinha chegado ao ponto de poder transmitir a “práxis revolucionária” para quatro grupos de estudo. Ele tinha assistentes. Agora o pequeno clã educacional, que ele presidia pacientemente, sabia o que queria dizer “educação e práxis” em termos revolucionários.

A revolução propriamente dita entretanto já havia desaparecido. Já não houve ninguém que chamasse o regime de Bonaparte de revolução. E fazia sete anos que o rei ocupava novamente o seu posto.

Jean julgava que esse era o momento em que deveria ter começado a revolução. Ao menos teria havido alguns “revolucionários educados”. Era preciso um curso de pelo menos quatro anos para formar, em ritmo acelerado, um bando de 20 adultos de tal maneira que se tornassem aproveitáveis como *citoyens*, como “produtores do processo revolucionário”. A instrução de tiro não levava tanto tempo.

Jean Leclerc afirma que, assim como se deram, os processos de EDUCAÇÃO e as ações da TRANSFORMAÇÃO REVOLUCIONÁRIA divergem de modo crasso.

– O Sr. pensa que é por isso que nunca ocorreu uma revolução na história mundial?

– Não como processo social de produção. Sempre só como um “início”.

### **2**

#### **Ensaio revolucionário nas periferias da França**

Com dinheiro de um magnata silesiano, entusiasta da Revolução

francesa, um ex-professor de esgrima e latim de Caiena, fundou, no ano de 1791, na colônia francesa de Louisiana, uma povoação, no qual deveriam ser testadas as qualidades legislativas dos cidadãos, a virtude da futura república. Logo ficou evidente que seriam necessárias ao menos 77 povoações desse tipo, com um número de habitantes não inferior a 800.000 pessoas (homens, mulheres, crianças, velhos, jovens, artífices, trabalhadores intelectuais) para dar espaço e tempo ao ensaio; também foi necessário garantir a afluência de novos colonos para compensar a perda de “evadidos”. A CORRENTE PRINCIPAL DE UMA SOCIEDADE REVOLUCIONÁRIA exigia uma certa “velocidade de fluxo”.

O número necessário jamais foi atingido na Louisiana. Alguns dos mensageiros que o jovem professor enviou a Paris para pedir reforços para o experimento foram presos e executados como sectários. A colônia mesma, situada por assim dizer na periferia do mundo que podia ser avistado de Paris, permaneceu incólume por muito tempo. Nem mesmo foi atingida pela transferência de propriedade para os Estados Unidos.

Ainda nos dias derradeiros de Napoleão, o fundador se pôs a infiltrar no Haiti seu primeiro “grupo autônomo” que já dispunha de formação. Ele deveria introduzir a semente da AUTONOMIA (pensar por si mesmo, autolegislar) na república de escravos que havia se libertado da ocupação francesa. Ali os cidadãos da humanidade viam diante de si exatamente a matéria-prima de que precisavam.

À Louisiana não chegou nenhuma notícia dos enviados. Houve dúvidas quanto ao seu êxito no Haiti. No ano de 1829, a COLÔNIA POLÍTICA da Louisiana se tornou insolvente e foi fechada pelas autoridades.

### **3**

#### **Despedida da evolução**

O Dr. Famulus, habilitado como professor pela Universidade Humboldt, mas não contratado por ela, era darwinista por um lado, nietzschiano por outro. De profissão era diplomata da ONU. Ele guardava para si o que “pensava realmente”.

Ele pensava que a humanidade chegou a uma encruzilhada, sem perceber, já há duzentos anos. Ela interfere no processo de sua evolução, mas não busca captar as regras dessa evolução. Ela reprime as mutações (que, aceleradas desse modo, modificam os seres humanos ) e compensa a “cota natural de destruição” a que estão expostas algumas parcelas da humanidade. Não é de se

admirar que a evolução, ocorrendo dessa maneira, passa para propriedades parciais da humanidade, como, por exemplo, para a INFORMAÇÃO EM REDE.

O Dr. Famulus diz que vemos a evolução passar diante de nós, e distanciar-se de nós qual navio deixando o porto. Como numa despedida, ficamos olhando enquanto ela segue adiante sem que possamos acompanhar o que se passa. Acenamos enquanto ela se vai.

## 4

### **Violência das galáxias supervelozes**

Por dois bilhões de anos duas galáxias espirais de elegante beleza se lançaram contra a outra. Cada uma delas levava em seu interior uma armadilha gravitacional (um buraco negro de alguns milhões de massas solares). Essas poderosas estruturas da natureza exercem uma sobre a outra uma força de atração que aumenta com a aproximação. Um observador, cuja subjetividade está condicionada por um *curriculum vitae* terreno, não é capaz de acompanhar esse superveloz MOVIMENTO UMA DE ENCONTRO À OUTRA. Contudo, o 17º sucessor no posto permanente do astrônomo Walter Baade (em 1941, utilizando recursos de escurecimento na Califórnia, Baade examinou a Nebulosa M 31 com o refrator do observatório de Mount Wilson), com o auxílio de seus seis supercomputadores, agora tem condições de resumir em uma semana, na perspectiva do verme, a arremetida das duas galáxias, distribuída em bilhões de anos. Para a exposição da vida útil de todos os telescópios utilizáveis desde 1600, o Prof. Dr. Phillips, assim se chama o 17º sucessor, necessita de apenas seis minutos. A FORÇA DO IMPACTO das duas objetividades UMA SOBRE A OUTRA é tão voraz que, num primeiro momento, as nebulosas espirais passam uma pela outra. Somente os fluxos e refluxos nas bordas desses sistemas se distorcem mutuamente. Mas mal as belas espirais passaram uma pela outra quando suas massas (quantidade de estrelas: 400 bilhões) freiam uma à outra; durante alguns éons as galáxias, desaceleradas, voltam a confluir, e, por fim, unem-se as duas ARMADILHAS GRAVITACIONAIS (buracos negros) contidas em seus dois centros. As órbitas das estrelas, porém, que ficaram praticamente estáveis durante bilhões de anos, tornam-se irregulares.

– Os sóis não colidem individualmente um contra o outro?

– Há espaço suficiente para que passem um pelo outro. Mas nenhum dos movimentos desses sóis em torno do seu centro

permanece intacto.

– Eles se movimentam “como os desvairados”?

– Não é possível calcular. Mesmo que conectemos nossos computadores com os australianos e os russos. Potenciação do problema dos três corpos. O Sr. poderia calcular durante 24 anos com 800 supercomputadores e o Sr. não conseguiria calcular o aglomerado elíptico, a nova supergaláxia irregular (como centro gravitacional duplicado).

– O Sr. considera feia a estrutura que surge da ligação de duas galáxias espirais?

– O que quer dizer feio? A estrutura é aglomerada. Não podemos mais entender sua organização. Sendo assim, pode ser coerente dizer que é “sem beleza”.

– Isso é um juízo subjetivo?

– As condições objetivas se sentem bem na irregularidade. É um progresso galáctico. É a estrutura, na qual as galáxias crescem e se convertem em supergaláxias. Elas fazem isso sem “ter que querer” fazê-lo.

– Nós, humanos, sentimos a espiral de Andrômeda que se lança sobre nós? Sentimos que algo “vem na nossa direção”?

– Na medida em que isso é parte integrante da nossa evolução. Nós não percebemos, mas algo em nós o sentirá.

– Um anelídeo, um golfinho também sentem isso?

– Como parte integrante da evolução é provável que sim.

– O Sr. pensa que as galáxias são seres vivos?

– Em todo caso.

– E elas são sujeitos?

– O Sr. pergunta se elas têm consciência?

– Muitas vezes elas se comportam como se tivessem consciência.

– Nós, cientistas, não vemos nenhum sinal de consciência.

– As estrelas poderiam ver que nós, humanos, temos consciência?

– Assim diretamente as estrelas não podem “ver”.

## O que é um “grupo fusionista”? /

### Rosa Luxemburgo e a revolução de 1905

O “grupo fusionista” é o elemento de todas as revoluções. Pessoas se unem. Sem saber ainda, elas criam em relação à vida que tiveram até aquele momento uma condição nova, na qual suas qualidades se unificam, sem que tenham a intenção de fazer isso. Por baixo de sua força de vontade, sob a pressão da agitação que tomou conta da cidade, com base na capacidade intuitiva e na energia ativa. Do campo vem um contingente de pessoas em reforço. Elas se enquadram. O “novo ser humano revolucionário” (um elemento instável no início) não consiste de *pessoas*, não dos próprios seres humanos antigos, mas surge *entre* eles, das lacunas que separam as pessoas no cotidiano.

Em Kiev, um batedor de carteiras acabou num grupo fusionista que se dirigia para a estação ferroviária central. Ele queria ocupar a estação. Guardas czaristas tentavam impedir a multidão. A oportunidade havia estimulado o batedor de carteiras, mas ele esqueceu o seu ofício. Ele se tornou um dos batedores a fazer o reconhecimento do caminho para a passagem dos demonstrantes, o qual levava à praça em frente à estação ferroviária por ruas secundárias. Durante várias horas o rapaz não roubou coisa alguma. À noite ele foi obrigado a passar fome. Nesse dia, ele nada teve além do seu entusiasmo.

Um advogado que sempre deu muito valor ao seu tempo (advogados são prestadores de serviço) errou o caminho e acabou no mesmo grupo. Ele acompanhou a horda de agitadores através da cidade, reforçou sem querer (e desaprovando subjetivamente esses ajuntamentos ilegais) o ímpeto do ataque às barreiras policiais, ao correr junto com a multidão. Até ao cair da noite ele se movimentou pela cidade.

Rosa Luxemburgo, que viajara a Berlim assim que soube que irrompera a revolução, tentou, por ter se atrasado, reconstruir a experiência dos primeiros dias da revolução. Ela colecionou relatos. As notícias concordavam em que, no momento da revolução, os comunicados, as ideias, os impulsos para a ação se espalhavam entre as pessoas mais rapidamente do que isso podia ser feito pelo telégrafo ou pelos meios de locomoção. Nos seus artigos para o *Diário Popular de Leipzig [Leipziger Volkszeitung]*, ela escreveu com um certo *páthos* que um ÚNICO SER VIVO, UM TRABALHADOR REVOLUCIONÁRIO TOTAL estaria em ação. Alguns dias depois, isso não passou de uma lembrança. O “gigante”, sobre o qual Rosa Luxemburgo havia

escrito, pareceu ter se desagregado depois de algum tempo.

Rosa Luxemburgo escreveu que, diferentemente de uma criança humana que nasce como uma trouxa minúscula e cresce até se tornar um adulto, a revolução nasce como um corpo gigantesco, como uma NOVA SOCIEDADE, e precisa de tempo para voltar a se transformar nos indivíduos de que se compõe. Para ela a pergunta decisiva, que a ocupou até o fim de sua vida, parece ser esta: como se poderia manter vivo, alimentar e colocar na cama o BEBÊ GIGANTE chamado revolução nas primeiras semanas e depois sobretudo nos primeiros séculos? Ela acreditou ter visto esse SER VIVO TODO ESPECIAL durante alguns dias após a sua chegada. Não se sabia de nenhum meio que pudesse ter salvo por tempo indeterminado tal FUSÃO nas condições do cotidiano da produção ou da privacidade da família. Em meio à falsa vida nenhuma revolução vingaria. SEM REVOLUÇÃO NÃO HÁ VIDA VERDADEIRA.

## Visita-relâmpago em Davos

Zalkind carregava consigo maços de rublos em notas graúdas. Ele tinha sido incumbido de entregá-los em um sanatório de Davos, onde estavam internados três camaradas. Ele pernitoou num quarto de empregada e, bem apessoado como era, fez suas conquistas para a noite. Na manhã seguinte, ele partiu em sua viagem de volta, cruzando o Reno na direção da Prússia oriental e de lá rumo a Petrogrado.

A entrega da bolsa com as notas de rublos havia sido comprovada mediante recibo pela direção do sanatório (e também pelos três camaradas presenteados). Ao recibo havia sido acrescentada a seguinte frase: “A revolução ainda não esqueceu as pessoas”.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os russos com doenças pulmonares nos sanatórios de Davos só conseguiram estabelecer ligação com sua pátria pela rota Astracã, Teerã, Áden, Suez, Itália, Kleiner St. Bernhard. Mas transferências mediante o telégrafo sem fio eram diretas. Durante o Governo Provisório os doentes foram praticamente esquecidos. A incumbência dada ao jovem comissário correspondeu à memória curta de que o governo revolucionário dispôs por alguns meses. A solicitude se esvaneceu depois da mudança para Moscou.

Por algum tempo um membro da equipe auxiliar do sanatório Davos ainda se lembrou do visitante.

“Dois olhos azuis /  
Um senso confuso – –”

## Uma estimativa para a demanda de tempo da “transformação das forças psíquicas”

“Deveríamos chamar a virtude, não de *força* como até agora, mas de *prazer*, denominação mais feliz e mais cativante, por retratar melhor sua natureza.”

*Montaigne, Ensaios, I, 20*

Jonas A. Zalkind e o camarada Alexander Bogdanow, que já em 1904 tinha jogado xadrez com Lenin em Capri, e agora encarregado do projeto PROLETICULT, tomavam chá juntos. Era a quarta hora da noite. Os dois espíritos irrequietos em chamas vívidas.

O que eles estão vendo com o olho da mente? O diálogo é um instrumento para voar. Politicamente seria decisivo que a classe operária e a classe camponesa da Rússia não apenas compusessem uma coalizão (este sempre seria temporária), mas que se fundissem numa terceira grandeza. Chamemos esta de o “novo ser humano”. Só de visualizar os tratores a serem fornecidos ao campo, ele converte o cereal em zeppelins e aviões que transformam a vasta Rússia em circunvizinhança; vendo a possibilidade de aproveitar o produto industrial, essas pessoas criam o VALOR DE USO NA MENTE, assim como o proletário nas fábricas (ou nas colunas de blindados, nos navios, nas turmas do Exército Vermelho) sempre teve no coração e no nariz o cheiro das linguiças frescas, do pão recém-assado, sendo, portanto, ao mesmo tempo operário e camponês. Fusão significa descartar erros. Dessa casca sai o novo ser humano, quando aparecem (como no caso de uma avó russa) as qualidades individuais das velhas pessoas, que, libertadas de sua paralisia, encontram umas às outras. Se elas não tivessem estado lá há muito tempo, escreve Zalkind, os organizadores não conseguiriam produzi-las. “Política revolucionária é a organização da experiência social.”

Para produzir a torrente de aviões requerida para interligar os elementos da Rússia, Bogdanow e Zalkind estimaram apenas sete anos (tem rum no chá). Mas para que esse “progresso” e essa “torrente produtiva” sejam internalizados, ou seja, para que os cocheiros de trenós movidos a renas no extremo norte sintam a “necessidade” de ter aviões como sua, enquanto o piloto acolhe em sua “necessidade” a vantagem das renas, para isso a Rússia precisa de trinta anos. Acrescente-se a isso, complementa

Zalkind, as escolas. Serão escolas itinerantes, pois é preciso alcançar os camaradas dispersos, e até aquelas pessoas que no momento nem mesmo se consideram como camaradas. Alcançar cada um custa tempo. Mais sessenta anos serão necessários, calcula Bogdanow em seu pedaço de papel, para consolidar o que for criado pela economia socialista de tal modo no íntimo das pessoas que a doutrina socialista das virtudes se transforme em prazer, em algo que impulsiona espontaneamente. Pois organização é espontaneidade, autonomia.

“O que quer que os filósofos digam – /  
Até mesmo na virtude almejamos prazer.”

## Um feito heroico difícil de interpretar

No penúltimo ano da Primeira Guerra Mundial, a monarquia imperial e real não tinha perspectivas de distribuir condecorações ou terras pelas quais valesse a pena arriscar a vida. Os ingredientes que entram na composição da droga “heroísmo” só podiam ser encontrados ainda nas tropas militares individuais, por assim dizer, no círculo mais íntimo. Aos olhos de um camarada, cuja simpatia é vital para mim, coloco-me de uma vez por todas numa luz extremamente favorável. Quando várias pessoas de um mesmo grupo fazem isso ao mesmo tempo, um feito heroico é possível na luta de vida ou morte por atenção e cuidado.

No nó ferroviário de Praga, explodira num dia de julho de 1917 o vagão de um trem de munição carregado com minas submarinas. Pedacos de metal candente haviam atingido dois trens de passageiros em férias no entorno da cratera provocada pela explosão. Os dois trens estavam em chamas. Num dos trilhos adjacentes aguardava um trem blindado sem locomotiva, ao qual havia sido engatado um vagão carregado com o explosivo *ekrasit*. Funcionários ferroviários orientados por especialistas ficaram debatendo que a explosão de um vagão carregado com um dos explosivos mais sensíveis já feitos destruiria todo o nó ferroviário, mas não fizeram nada.

Diante dessa situação, um trem de soldados da infantaria que estavam sendo transferidos do *front* italiano para o sul da Rússia dirigiram-se, sem obedecer ordens, ao vagão com *ekrasit* designado pelo pessoal da ferrovia como “pivô perigoso”. Nunca antes haviam desacoplado ou movido vagões ferroviários. Por meio de tentativas descobriram como soltar o vagão do trem blindado. Eles então o empurraram com sua força física, afastando-o alguns metros do incêndio.

Oficiais acorreram para apurar a identidade desse trem da infantaria. Os soldados haviam permanecido algum tempo ao lado do objeto resgatado e depois se dispersaram pelos trilhos. Assim não puderam ser distribuídas honrarias. Tampouco havia declaração de testemunhas explicando por que justamente essa tropa, sem qualquer solicitação, havia movimentado o vagão, do qual algumas partes já começavam a ficar em brasa, e haviam se arriscado a tentar salvar o nó ferroviário com seu grande número de pessoas e veículos. A explosão, a cujo risco estiveram expostos por algum tempo, teria aberto, segundo estimativas, uma cratera

de 24 metros de profundidade. Em tal caso, eles, os que salvaram a situação, não poderiam mais ser encontrados em parte alguma.

- E agora tampouco podem ser encontrados.
- Estavam loucos?
- Eles estavam entre si.
- No pequeno grupo, cada um deles queria agradecer a alguém.
- Ou todos queriam agradecer uns aos outros. Eles se agradaram da maneira como lidaram com a situação.

Se alguém os tivesse comandado, não teriam obedecido.

## Conversa de fim de tarde sobre os meios de tração do progresso

“As revoluções são as locomotivas da história.”<sup>2</sup> Em dezembro de 1917, em todo o Império Russo, que era governado em São Petersburgo pelos Comitês Revolucionários, constavam nos arquivos da administração ferroviária só mais 22 locomotivas intactas. Era preciso restabelecer imediatamente as conexões de tráfego no império. Como disseminar a economia revolucionária, se não por meio das linhas de trânsito e dos transportes reais?<sup>3</sup> Aqui está totalmente ausente a velocidade inicial que é decisiva exatamente para o êxito das revoluções. Uma conexão ferroviária, para a qual as locomotivas necessitavam cinco horas antes de 1914, precisou de vinte e duas a trinta e seis horas nos dias anteriores ao natal de 1917.

Contudo, no momento revolucionário, quem trabalha com a “rapidez do pensamento” é o teórico. Vários desses haviam se instalado nas salas adjacentes ao escritório de Lenin. Eles estavam habituados a procurar um canto tranquilo, no qual uma mesa, uma luminária, papel e lápis lhes permitissem o voo desimpedido das ideias. Na prática, eles eram “geógrafos políticos”; eles escreviam os mapas, nos quais os revolucionários na sala ao lado procuravam com os dedos os pontos onde concentrar suas decisões. Para esses LIGEIROS, para essas “locomotivas intelectuais da revolução”, a Ferrovia Siberiana, apesar de toda a massa de neve que se abatia sobre ela naqueles dias, deveria ser tomada de roldão e cooptada para a nova consciência. Na fulcro dessas ideias, partiram logo depois (os

---

2 Marx/Engels, *Werke*, v. 7, p. 85. Sobre isso Engels, in: *Über das Bürgertum als Klasse*, MEW, v. 20, p. 146. “Sob a condução deles a sociedade corre na direção de sua ruína como uma locomotiva que está com a tampa do freio de emergência emperrada e cujo maquinista não consegue abri-la”. Em contrapartida, Walter Benjamin. *Charles Baudelaire*. Frankfurt am Main, p.189: “Marx diz que as revoluções são as locomotivas da história mundial. Mas talvez seja bem diferente. Talvez as revoluções sejam o ato de puxar o freio de mão por parte da humanidade que viaja nesse trem.”

3 Como em todos os comunicados apenas para constar no arquivo, a informação de que havia apenas 22 locomotivas intactas à disposição continha um erro. Havia outras marías-fumaças, todavia extraviadas. Algumas delas sendo administradas pelas forças contrarrevolucionárias. Os revolucionários em São Petersburgo trabalhavam originalmente não como construtores industriais, mas como pastores no campo. Arthur Koestler. *Die Nachtwandler*. Wiesbaden, 1963, p. 39, em contrapartida, compara os revolucionários com guarda-chaves. Sua atividade, porém, pressupõe a existência maciça de necessidades de transporte e viagem, bem como de locomotivas. O revolucionário já se encontra numa situação de luxo quando pode se limitar ao ofício de guarda-chaves.

teóricos, entre eles seu porta-voz Trotzki, convenceram-se reciprocamente, o que tornava as decisões metálicas) colunas de tanques contra as tropas contrarrevolucionárias do Almirante Koltschak, e limpam o trecho até o Lago Baical das unidades bem armadas da legião tcheca e dos aliados que, em dezembro de 1917, ainda dispunham de quatro vezes mais locomotivas intactas. Os teóricos revolucionários da primeira hora estavam firmemente conectados com iluminação elétrica (porque trabalhavam também de noite) e telégrafos.<sup>4</sup>

- Quando o Sr. fala de revolução, o que é o que o Sr. chama de locomotiva? Decerto não seria a força de vontade do Lenin?
- De que adianta força de vontade às massas, se faltam, por exemplo, locomotivas? Nesse caso, a força de vontade tampouco são, num primeiro momento, “locomotivas da revolução”. O que o Sr. chama de locomotiva, de maria-fumaça, nesse contexto?
- Os foguistas, os maquinistas, os guarda-chaves, os funcionários da ferrovia, os planejadores, os diretamente vinculados com as máquinas a vapor que puxam os trens. Em certo sentido, também as rotas, as experiências de décadas anteriores. Olhando bem, a história inteira da humanidade está envolvida em que uma locomotiva realmente saia do lugar ou uma revolução se ponha em movimento.
- Portanto, não seria possível separar as forças subjetivas das objetivas num movimento revolucionário?
- Não no caso de uma locomotiva que deve puxar um trem até um determinado destino.
- Mas de que serve a figura da locomotiva se é preciso admitir que, na verdade, toda a história pregressa representa a locomotiva? Quem personifica a história pregressa? Que tipo de aparelho é esse? É de ferro, consome carvão, transforma água em nuvem?
- O Sr. negaria que para fazer uma revolução é necessário ter “vontade de ferro”?
- Considero uma vontade de ferro perigosa. Nuvem de ferro seria a imagem para uma chuva de projéteis. Mas para isso eu tampouco diria “chuva”.
- Parece-me, ademais, que a revolução não anda sobre trilhos.
- As “estradas de ferro” originais ou então as “locomotivas” eram dotadas de pés mecânicos. Elas podiam correr campo afora. Eram robôs.

---

4 Por pouco tempo, Trotzki havia instalado um de seus escritórios (ele tinha sete) na central do telégrafo, para encurtar o caminho até o trabalho.

- Mas os trilhos se mostraram apropriados.
- Isso está correto. Assim como a revolução precisa de diretrizes.
- Mas o que o Sr., depois de passados 150 anos do entusiasmo, da perplexidade quanto às vivências de uma viagem de trem, chamaria hoje de meio de tração de uma revolução? Que metáfora teríamos para isso em 2006?
- No momento, não temos revoluções, das quais pudéssemos abstrair uma metáfora inspiradora.
- A rapidez revolucionária com que a China se torna capitalista?
- Só vale para a região do Rio das Pérolas e para Xangai.
- O que seria, na sua opinião, o modo mais rápido de se movimentar em nossa época?
- Uma explosão.
- O Sr. quer dizer que, quando ela acontece inopinadamente, é mais rápida que o pensamento?
- Pelo menos mais do que qualquer locomotiva.
- Mas ela não traciona revoluções. A explosão não puxa coisa nenhuma.
- A não ser que esteja confinada num compartimento como o motor a explosão.
- Com isso chegamos a uma metáfora bastante simplória para aquilo que poderia puxar a HISTÓRIA MUNDIAL: o veículo automotor.
- Eu não acharia simplório ou inofensivo se tais veículos automotores, carregados com explosivos, corresse de surpresa para o meio de uma aglomeração de gente.
- A metáfora seria ofensiva para todas as revoluções, pois delas pende tanta força vital, tanto desejo. Certamente poderíamos concordar que a capacidade de satisfazer desejos, de buscar a felicidade, está entre as “locomotivas” da história. Pense em como no momento 22 milhões de pessoas rumam para as cidades da África ocidental. Isso que expulsa essas pessoas de suas moradias e as leva para as aglomerações de Lagos não seria uma locomotiva? Em todo caso, não é uma explosão.
- Sim, é bem mais lento que uma explosão e, ao mesmo tempo, inexorável.
- O Sr. quer dizer que é mais forte que uma explosão?
- Eu disse inexorável.
- E mais rápido que o pensamento?
- As aglomerações não esperam por quem as planeje.

Os dois descendentes daqueles teóricos que em 1917 tomaram assento nas salas adjacentes do Soviete de São Petersburgo tinham se conhecido em Harvard. No contexto do projeto de cidade de Rem Koolhaas. Aqui em Boston o crepúsculo de dezembro também já havia chegado por volta das 17 horas. Da cabine inundada de luz era possível olhar para fora. Mas a única coisa que o olhar vislumbrava era a fileira de luzes do espaço interno que se refletia na vidraça da opulenta fachada da janela. Podia-se perceber que lá fora havia neve, mas não em que quantidades, se em colinas ou planícies, se havia caminhos cortando a neve, nem mesmo se ainda nevava ou se já havia parado de nevar.

Os dois companheiros dessa conversa de fim de tarde haviam se conhecido justamente pelo fato de seus antepassados também eram oriundos do Leste europeu. Eles bebiam ponche. Os teóricos de hoje estão lotados em projetos, cuja força persuasiva está baseada no fato de que teóricos pesquisadores realmente vão até os lugares sobre os quais têm de prestar relatório. Assim, o grupo de pesquisa, do qual ambos faziam parte, já havia viajado até as aglomerações de Xangai, México City, Lagos e até o Cairo. Em toda parte, movimento premente que ultrapassa qualquer cronograma. Fazendo as contas, em cinco dias será véspera de Natal.

## **Fantasmas da revolução**

O último Secretário Geral anterior a Gorbatschov, sob cuja presidência o Politburo governou a União Soviética, já era idoso por ocasião de sua eleição, a exemplo de alguns papas. Como sua morte havia sido previsível, as câmeras da equipe de filmagem da CNN estavam a postos quando ele foi levado à sepultura. Condições ideais em termos de logística.

Seis capelas militares, uma de cada arma, tocaram a marcha “Vítimas imortais”. Trata-se de partitura anônima do final do século XIX. Com o tempo ficou convencionalizado que essa melodia, para a qual revolucionários anônimos haviam feito um texto, fosse tocada sempre que o MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO tivesse perdido um filho ou uma filha querida. Meynard D. Maxwell, em si um homem racional de Minnesota, não receptivo a sensações esotéricas, adicionalmente temperado em Harvard, acreditou ter percebido, nesse fim de tarde de neve abundante, no momento em que se fez ouvir a marcha tocada de modo um tanto confuso (porque ter sido suplementarmente distorcida e provida de ecos pelo sistema de alto-falantes sobre a Praça Vermelha e o muro do Kremlin), um cortejo de espíritos. Supostamente foram “as vítimas imortais”. Mas Maxwell não viu apenas revolucionários da Rússia; ele viu também tropas a cavalo, franceses em vestes coloridas, vítimas ou revolucionários. Ele pediu que um operador de câmera registrasse a aparição. Mas ele afirmou ver apenas neve caindo.

## Mulher jovem de novembro de 1917

“Meu tempo tu /  
Sorrindo sem sentido  
olhas tu, sofrendo /  
Débil e cruel tu olhas  
para trás.”

*Ossip Mandelstam*

Enquanto os tempos haviam sido pré-revolucionários, em esconderijos na Rússia, em hotéis no exterior, as mulheres eram tidas em alta conta nas REDAÇÕES E CONSPIRAÇÕES. Algo desse elã inspirou Irina Sverdlov, que dominava a estenografia e anotou os ditados no [Instituto] Smolny no outono de 1917. Depois disso, ela foi transportada junto com o resto do pessoal para Moscou. Tendo sido transferida para um cargo de arquivista após a morte de Lenin, ela viveu até 1937 desprezada como força revolucionária e, depois disso, ficou contente de poder se camuflar. A insignificância sobrevive.

Mas, naqueles dias de 1917, ela havia feito a experiência (e também ouvira falar de tais instantâneos em relação a 1905) de que um novo tipo de meio de troca e de transporte de energias humanas (“meio” foi a expressão errada, a partícula elementar é “meta”), a saber, a CONCORDÂNCIA TÁCITA, era capaz de mobilizar forças de trabalho extraordinárias. E bem mais do que se podia pagar com dinheiro. O problema implicado em fundar um sistema comunitário sobre essa nova “gravitação” não residia na potência dessa “física política”, mas na questão da preservação desse “campo de força”. Três meses depois não havia mais nada daquela CHISPA DE AJUDA MÚTUA para ser convertido.<sup>5</sup> E ela parou nesse balanço catastrófico. Um sistema comunitário não podia ser fundamentado “sem memória”. A capacidade de memória arquivista era capaz de registrar a “centelha da solidariedade”, mas não de reavivá-la logo em seguida. Assim, a partícula elementar dessa física, que Irina havia observado de modo não científico como testemunha da época, não podia ser documentada.

Os arquivos da vida, os da geofísica, estão ocultos na crosta terrestre. Irina sabia disso. Eles testemunham da vida neste Planeta Azul, mas não a geram. Assim sendo, de nada adiantou

---

5 Por muito tempo, devido a um mal-entendido textual, ela achou que isso equivalia ao conceito de MAIS-VALIA em Karl Marx. Existe uma MAIS-VALIA SOCIALISTA?

que Irina tivesse tentado comunicar à filha sua experiência (a experiência de momentos muito curtos, que só eram compreensíveis no contexto). Um alto funcionário, sem tempo disponível, havia engravidado Irina, mas depois disso não quis saber nada do seu ato.

Entre filha e mãe houve muita transferência de simpatia pessoal, pouca transmissão de fatos. Como Irina poderia comunicar com palavras à sua filha uma situação que teve lugar à luz do crepúsculo de São Petersburgo no ano de 1917 (e que estava associada a notas estenográficas, ou seja, à sensação de dedos e mão exercendo pressão sobre um instrumento de escrever, um ritmo “revolucionário”), à sua filha que não conhece aquela hora crepuscular e tampouco domina a estenografia? E agora ainda soma-se a elas a neta Natasha. Seria importante contar-lhe pelo menos a respeito dos “elementos físico-políticos” que Irina acreditava ter descoberto. A neta não presta atenção quando esse assunto é abordado. Irina, agora velha, não solicitada por ninguém, em constante lembrança do que passou, ainda estaria disposta a realizar todo tipo de coisas que por dinheiro e por ordem de seus pais jamais faria. De desfiles de veteranos ela não participa.

## Trabalho concatenado

No ano de 2003, um museu da Renânia pouco notado pelo público alterou seus objetivos com a anuência da administração municipal, que tinha a expectativa de economizar algum recurso com a medida. Ele passou a não mais colecionar apetrechos e documentos referentes à história medieval da cidade, mas voltou-se, de acordo com o interesse do seu diretor, que provinha de uma das residências comunitárias históricas de Frankfurt-Nordend do ano de 1968, para o tema da HISTÓRIA E ECONOMIA DA FORÇA DE TRABALHO. O falecido Heiner Müller integrava o quadro de conselheiros, assim como o erudito Wolfgang Abendroth, de Marburg, e os pesquisadores do trabalho Schumann Kern.

Num dos salões fora montada a instalação de um artista, a saber, um autômato que consistia de sete figuras de operários desempenhando a tarefa de afixar uma bobina de cabos num suporte numa fábrica do tipo que já não existe mais. Como representação de “união de forças”, por assim dizer. Os movimentos dos sete (cada um deles fazia um movimento diferente) tinham de estar perfeitamente sincronizados, senão o resultado seria um acidente. A interconexão de um número tão grande de mãos, forças, cérebros, temperamentos, experiências, era inteiramente não verbal (unicamente baseada em ritmo, boa vontade, atenção, sintonia fina e habituação).

As sete figuras mecânicas repetiam dia após dia o vigoroso procedimento que fazia o aparelho ranger e produzir estalidos, como “celebração do trabalho em sua perfeição supraindividual”. Foi assim que o artista denominou sua obra. O autômato foi alvo de crítica dos colegas artistas.

Bernd Schütze, o diretor do museu, não se esquivou das objeções. Especialmente Jörg Immendorf o pressionava. O TRABALHO CONCATENADO, assim opinava Immendorf (ele se baseou no que aprendera no tempo em que era maoísta), seria o exemplo elementar para o “trabalho vivo”. Os que participam desse processo reagem uns aos outros de modo imprevisível (e de maneira nova a cada instante). Seria preciso incluir na exposição o perigo, o malogro. Não seria possível saber qual dos sete operários por meio de que alteração na série de movimentos afastaria o perigo (ou se vários reagiriam), mas com certeza haveria reação. Se os sete operários seguissem o mesmo procedimento perigoso durante cem anos, ainda assim nenhum momento dele seria inteiramente igual. Isso não podia ser

reproduzido por um autômato. A instalação eternizaria uma confusão entre “trabalho morto” e “trabalho vivo”.

- Na sua opinião, o que o artista deveria ter feito diferente? Ele não pode empregar operários de verdade.
- Ele precisaria implantar erros para os quais o autômato não está preparado.

Trabalho concatenado sempre foi coisa só de especialistas. A maioria desses especialistas sumiu junto com a indústria clássica. Nenhum desses especialistas autoconfiantes teria estado disposto a apresentar seu trabalho num grupo em um museu (como se fosse um ator), somente para ser visto como “obra de arte”.

- O que o Sr. exige, Immendorf, é utópico.
- Não quando o Sr. leva 25 artistas de circo a formarem uma pirâmide humana e filma o desempenho deles. Suponha que o grupo de artistas é atrapalhado pela queda da lona do circo, mas não deixa que nada o distraia e mantém a formação intacta (mediante centenas de ajustes minúsculos). O Sr. pode expor o registro desse desempenho como obra de arte.

Diante disso, Schütze encarregou Immendorf de fazer uma instalação fílmica desse tipo com recursos de patrocinadores, dos quais o museu dispunha; os dois “monumentos ao trabalho concatenado” foram montados um ao lado do outro em salas vizinhas.<sup>6</sup>

Inclusive a expressão “o diabo mora nos detalhes”, assim afirmou Schütze na entrevista coletiva que precedeu à apresentação do filme, deveria ser derivada das experiências do TRABALHO CONCATENADO. O diabo não se interessaria nem um pouco pelo detalhe de uma máquina pronta, mesmo que ela enferruje ou quebre. Em contrapartida, muitas vezes o tentador teria feito um número de circo desmoronar no momento em que o ciúme ou a indiferença (ambos influências características do diabo) atrapalharam a interação do conjunto concatenado. A pirâmide humana despenca. Ou no trapézio: “Ele não acha a mão do parceiro e acaba quebrando o pescoço”.

Em contrapartida, o metafísico malvado que chamamos de diabo

---

6 Eles passaram a formar uma “obra de arte comum”, já que só as duas representações juntas logravam dar uma expressão simbólica satisfatória (à arte circense faltava o aspecto industrial).

muitas vezes também teria demonstrado respeito por seu interlocutor. Dentre as forças que atuam contra ele, a que ele mais facilmente reconheceria é a “força do trabalho”. Por isso, no porão do museu, que havia sido preservado do incêndio da cidade em 1945 e sobre o qual foi erguido o novo prédio, foi instalado um canto com bancos, no qual estão sentados um diabo ou alquimista e um operário do início do século XIX conversando animadamente (ambos figuras de cera).

## **A metáfora da ACUMULAÇÃO ORIGINAL (segundo Marx) /**

### **Como supostamente surgiu a disciplina industrial**

- O Sr. considera Karl Marx um poeta?
- Um poeta talentoso.
- Ele se senta na mais imponente biblioteca de Londres, faz excertos de historiografia e compõe uma história em forma de poesia em torno desses núcleos de fantasia?
- Assim surge o enfoque mais amplo de sua teoria.
- O Sr. não estaria sendo injusto ao degradar esse materialista científico à condição de poeta?
- Como assim degradar? Uma metáfora poética é a forma mais elevada de noção das coisas. Nas colinas da Grã-Bretanha do século XVI, os *cottages* [casebres] dos camponeses são incendiados, seus campos desapropriados e cercados em grandes áreas. Rebanhos de ovelhas pastam onde antes viviam pessoas. É assim que está descrito em Marx.
- Esta é a “acumulação original”?
- O solo só é aproveitável quando nele pastam ovelhas, cuja lã é demandada na Holanda, onde floresce o capital.
- Isso traz retorno.
- É preciso acumular um patrimônio original que pode ser expresso em moeda, para que o processo de troca seja deslançado. Isso se pode conseguir incendiando os *cottages*, obtendo 2000% de lucro no comércio de ópio com a China, por meio do comércio de escravos ou mediante a pilhagem. Deve haver alguma APROPRIAÇÃO ORIGINAL.
- Ela traz sofrimento.
- E sofrimento torna as pessoas inventivas. Aqueles que tiveram as propriedades queimadas, os expropriados, confluem para Londres. Os que tentaram resolver a situação com furtos ou são preguiçosos tem a força como expectativa. Os demais desenvolvem força inventiva a partir do sofrimento. Eles começam a trabalhar, isto é, no campo fértil de suas prestimosidades lavram uma área de prontidão para o trabalho que produz capacidades especiais (como numa estufa).
- Um tesouro no interior das pessoas?
- Acredito que é isso que Marx tem em mente.



## **Os doze servos preguiçosos / Uma história da Idade Média**

Os doze servos preguiçosos se gabam uns para os outros como cultivam (cada um à sua maneira) a preguiça como trabalho principal.<sup>7</sup> Um deles conta que, por causa da sua preguiça, saiu prejudicado. Ele teria se deitado no caminho de passagem de carros e esticado as pernas. O carro de um senhor teria passado por cima dos seus membros. As moscas teriam zumbido; teriam entrando pelo nariz e saído pela boca. Este, o décimo dos doze servos preguiçosos, pergunta: quem se dará o trabalho de espantar esse bicharedo?

- A carruagem daquele senhor não poderia ter se desviado?
- Parece que fazer isso não era de hábito.
- O que o Sr. entende por preguiça quando lê o conto dos Irmãos Grimm? O que significa preguiça no conto?
- Autoconfiança original.
- Uma fonte de erros?
- Nessa forma crua, inculta em termos sociais, ela traz pouca felicidade. O preguiçoso precisa envidar mais esforços para andar pelo mundo com os membros deficientes do que o esforço que teria despendido para mover-se da estrada principal até um lugar para dormir.
- Ele não se salvou por ter sido preguiçoso?
- Não por ter sido preguiçoso. Ele confiou em que nada lhe aconteceria.

---

<sup>7</sup> *Kinder- und Hausmärchen*. Gesammelt durch die Brüder Grimm. München, 1949, p. 662.

## **Uma pessoa quer ser recompensada por causa dela mesma**

O papel do alemão oriental que casa com a filha do bilionário da carne, de Chicago, teve como modelo um caso autêntico. A produção esperava muito dessa *story* de ascensão social.

No caso real, um jovem oficial do Exército Popular Nacional conseguiu ingresso num clã industrial belga-renano após a queda do muro. O sortudo havia conhecido a filha do chefe do conglomerado numa viagem de férias para a Espanha. Após alguma hesitação inicial, o clã deu sua bênção para a união. A família rica esperava que o estranho trouxesse uma “renovação do sangue”. Pensavam que o jovem homem teria motivo especial de esforçar-se por dar o melhor de si.

O homem de Halle, contudo, que havia cursado a faculdade dos operários e camponeses, tendo sido por último capitão de fragata, revelou-se um espírito livre. A filha que lhe foi colocada à disposição satisfaz suas exigências só por certo tempo. Ele buscou uma amante. Interessava-se pelo fomento de museus e fundações e também por viagens para lugares remotos, mas nem um pouco pelos balanços e pelo trabalho cotidiano no conglomerado.

Ele quis ser amado por causa de si mesmo. Isso seria o jeito humano e teria sido exposto mais detalhadamente na obra de Immanuel Kant. Era preciso fazer as coisas “por causa delas mesmas”. Isso valeria não só para ele, mas também para as realizações da parentela, na qual havia ingressado pelo casamento.

De fato, a jovem mulher ainda era só elogios pelo estranho que não a tratava bem; ela o aceitou como ele era. Ela relatou ao médico da família que tentava curar um abcesso que havia acometido o seu pescoço, já não ter esperança de que se corrigisse. Mas a sua disposição de dedicar-se a ele foi, como ficou evidente, a condição para a reaproximação do casal depois de um ano.

## Inteligência, o recurso com que opera a indignação

Antes de sua morte no inverno de 1970 (um caminhão pesado apagou o seu cérebro numa estrada coberta de gelo no norte de Hessen), o teórico-chefe do SDS [*Sozialistischer Deutscher Studentenbund* = União Alemã Socialista de Estudantes], de Frankfurt, Hans Jürgen Krahl, estava ocupado com o novo posicionamento da inteligência. Ele anota que ela não é a ponta da lança da INDIVIDUALIZAÇÃO, da inexorável dispersão do ser humano burguês pelo mundo. Pois, nesse caso, não haveria como ligá-la com o proletariado. O que estaria em jogo era, muito antes, a desapropriação do caráter burguês da inteligência, sendo ela própria subsumida<sup>8</sup> sob o capital e, em consequência, visando à prestação de serviços; desse modo, ela é inserida no trabalho industrial. Como produto de rapina ela é capaz de indignar-se.

Krahl expõe que essa escravização é um golpe de sorte para a inteligência universitária, na medida em que, por meio dela, está sendo forjada uma dobradiça de transição para as lutas da classe operária como um todo. A inteligência converte-se em “processo necessário” e perde seu caráter lúdico.

Qual a utilidade da inteligência se ela não presta para nada no que se refere à defesa da vida?

- Não se trata, portanto, de reconduzir a inteligência às suas raízes históricas?
- Não.
- Nem de sua eliminação?
- Não.
- É possível influenciá-la de alguma maneira?
- Não a partir de fora.
- Ela é um autômato?
- Um autômato que reage.
- Não seria necessária alguma vontade para isso?
- Nenhuma.
- E isso não é retrógrado?
- É voltado para frente, na medida em que a escravização da

---

8 Na subsunção formal sob o capital, o modo da prestação do serviço, assim diz Karl Marx, é livre quanto ao seu exercício, apenas os resultados beneficiam o mercado, possuem caráter de mercadoria; na subsunção real, a própria prestação do serviço é subjugada, o trabalho é mercadoria.

inteligência profissional, sua subjugação total ao interesse do capital como prestação de serviço específica, ainda não está concluída.

– E se estivesse concluída?

– Isso seria impossível. Faz parte dela o malogro dessa possibilidade.

– Nem no tocante à inteligência profissional que acha sua subjugação atraente?

– Ela pode até achar isso, mas não vai funcionar.

– Terias admitido isso dessa maneira há seis meses?

– Não.

A presidente nacional da SDS, Nina Grunenberg, considerou a nova tese de Krahl “sedutora”, porque teria um “ar de dialética”. A debilidade ou a impotência da inteligência no contexto geral (como Adorno sempre a descrevera) seria transformada em veículo da emancipação, não a mera noção, mas a impotência vivenciada, isto é, a indignação. Ao mesmo tempo, prosseguiu ela, rapidamente se perceberá que a uma fantasia impotente nada mais ocorrerá, que a inteligência de modo algum teria surgido como produto colateral da industrialização. Essa serpente teria vivido o tempo todo, oculta, nos “céus burgueses” como numa constelação. Ela seria tão antiga quanto o inferno.

## Filosofia a martelo e torquês

Sete cortadores de grama aparavam o gramado no entorno do castelo no início da manhã daquele dia de sol forte. Os jovens participantes do congresso faziam a sua corrida individualmente nas trilhas que levavam do castelo até o lago, passando por matagais e bosques de pinheiros. Na noite anterior, o Dr. Alfons Schwietzke, da Casa de Cultura de Brandenburgo-Leste, havia enrolado e guardado um pão com linguiça num guardanapo, para comê-lo agora com água fresca da torneira. O pessoal da casa já estava pondo a mesa para o café da manhã, isso Schwietzke havia constatado numa das voltas que dera, mas ainda não permitia que os hóspedes entrassem no ambiente a ser arrumado. É a arrumação dos prazeres da manhã.

O sonho embaralhou os acontecimentos do dia anterior. Permite-se uma respiga, a TOMADA DE CONSCIÊNCIA. Os sentidos se sentiam livres para duvidar. Os acontecimentos do dia anterior haviam consistido de palestras de hóspedes ocidentais oriundos da Inglaterra e dos EUA, e agora, nesse início da manhã, as impressões se ordenavam.

Entre 1605 (primeiro semanário impresso da Europa em Estrasburgo), 1607 (primeira ópera burguesa, Monteverdi) e 1608 (Leuvenhoek observa ao microscópio a sua própria saliva e se torna o primeiro homem a ver bactérias) descortina-se o olhar para um impulso revolucionário; por que não fiquei sabendo dessa interpretação da história 12 anos antes? É o que se perguntava Schwietzke. Teria sido suficiente para conseguir um emprego fixo na Academia das Ciências, do qual nenhuma viravolta política teria podido me afastar. Agora ele era hóspede tolerado, que se infiltrara ali às suas próprias expensas. Ele havia alugado um quarto privado no hotel do castelo e se misturado entre os participantes do congresso que o consideravam como um deles. Mas sua voz interior lhe retrucou que, há 12 anos, ele não teria acreditado na tese histórica, se tivesse sido defendida por um visitante de Kiev ou um pesquisador do seu próprio país, ele nem teria dado ouvidos a ela. Teria de ser uma proposição ocidental para ser considerada um fato. Agora ele tinha em mãos, tardia e um tanto inutilmente para a sua carreira, um ROYAL FLASH, uma IDEIA NOVA extraordinariamente PLAUSÍVEL, que punha a descoberto a estrutura histórica. Comparável a um veio de ouro que vai se ramificando no fundo da terra mais do que a um mero jogo de cartas. Naquelas horas matinais, passaram de 14 a 21 comparações, notas pela sua cabeça, mas até às 9 horas haviam sobrado só duas formulações adequadas. Isso deve bastar.

Isso se encaixava em elaborações de Schwietzke que compunham um fardo de papéis de 2689 páginas.

Pode-se perceber, porém, anotou Schwietzke, que todo impulso para o crescimento, comparável à METÁFORA DIALÉTICA DO NASCIMENTO DA SOCIEDADE, de Marx, provoca um excesso de pressão, uma ruptura ou uma extravagância. Cada um desses impulsos leva à guerra. Temos, assim, imediatamente após o progresso que teve início em 1618, a Guerra dos Trinta Anos, que nós podemos tranquilamente subdividir em sete guerras individuais, todas com quase o mesmo início violento. É como se alguém que, ao fazer 17 anos, aprende a dirigir e, no mesmo dia, transforma o carro dos pais num monte de lata amassada.

Schwietzke risca esta última observação. Ele também risca a palavra “tranquilamente”, já que a guerra não tem nada de tranquilo. Ele também considera problemática a palavra “nós” que aparece em sua nota, pois indubitavelmente nem *nós* em Brandenburgo-Leste nem os participantes do congresso no castelo temos um canal direto de comunicação ou relação com o período remoto do século XVI. É preciso formular: “Um observador imaginário, que [...], por sua vez, é observado por um coletivo responsável, que [...]; o NÓS que acompanha uma cadeia de acontecimentos precisa ser elaborado, composto, ancorado”. Mas Schwietzke tampouco quer dizer EU. Quem julga, quem observa, quando o estímulo, os fatos vêm de Illinois, e ele, Schwietzke, baseado em um filtro que está se formando nele há 20 anos, apenas tira conclusões disso? Quem é pai do quê? Os jovens corredores científicos acabam de retornar do lago, bem na hora em que as portas do refeitório se abrem. Schwietzke, demasiado encorpado para tais competições e apesar de sentir fome, não deixa a sua mesinha desmontável sobre a qual se multiplica o papel escrito. Ele precisava aproveitar aquela hora. Pois quando alguém consegue agarrar uma fímbria da história, quando aquela serpente envolta em névoa que chamamos de história emite um som audível, não deve interromper por um instante sequer o ESFORÇO DA PERSEGUIÇÃO, onde que que a viagem o leve. Schwietzke duvidava que o professor visitante norte-americano que havia palestrado no dia anterior tivesse compreendido o alcance de suas alusões. Não, ele precisaria de um parceiro desempregado dos novos Estados da federação alemã para pô-las por escrito.

A eclosão ocorrida de 1605 até 1620 (baseada em energias anteriores em sua raiz, que supostamente remontam às guerras camponesas) mostra o mesmo padrão de 1914 e também de 1934, exclamou Schwietzke interiormente. Como assim 1934? Porque a Segunda Guerra Mundial começa na Ponte Marco Polo que demarca a fronteira entre a Manchúria e a China, e não só em

1939 às 5 horas na Polônia. Há que descrever a força de impulsão de uma época estruturada por engenheiros, que se “recupera” das CATÁSTROFE DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL e, ao fazê-lo, sem que ela mesma se dê conta disso, transfere para a responsabilidade DE UMA NOVA ÉPOCA UM IMPULSO DE CRESCIMENTO OU NASCIMENTO. E as pessoas não suportam esse acúmulo? Ouve-se um estilhaçar, escreve Schwietzke. Esse ruído pode ser claramente distinguido do ruído dos pequenos motores dos sete cortadores de grama que contornam o castelo a grande e pequena distância. Mas o ouvido de Schwietzke capta um ruído crepitante, como ao quebrar ossos de aves, só que mais marcado, semelhante também ao som de uma cobertura de gelo rachando com grande rapidez. É o ruído do ano de 1934, de 1912 a 1914 e similar após 1605. O que importa agora é não omitir nada do que dizem cérebro e sentidos. A formulação deve acolher algo da desordem que confundiu as impressões dos contemporâneos. É a nova arte da escrita alemã-oriental, que um crítico de Paris chamou recentemente, na Casa Einstein, de NOVA PRIMITIVIDADE. A confiança em que nada vá ser excluído. Como consta em Gríffio: “O que não é expressamente proibido é permitido”. Essa frase vigorou por doze semanas. No cultivo da ciência, ele é válido para todo o futuro.

Schwietzke corrige a sentença de que o impulso que provoca o progresso impetuoso e imediatamente também a catástrofe de 1618, “remonta às guerras camponesas”. Aqui, meu caro Schwietzke, disse para si mesmo, há um esquematismo. Ele melhora a formulação: “A raiz leva a tempos felizes *anteriores* às guerras camponesas”. Contraditório. É preciso procurar motivos que levam a irrupção das guerras camponesas, que, perdidas todas as esperanças, continuam a mover-se subterraneamente e provocam o RENASCIMENTO DA SOCIEDADE; pois esta não pode nascer da frustração, mas extrai sua força de um “estado de felicidade que não foi totalmente consumido”. Isso combina com a observação, assim escreve Schwietzke, de que as guerras camponesas irromperam em um momento em que já haviam se tornado supérfluas. O tempo ruim já tinha passado. Na prática, os camponeses já tinham sido vitoriosos, tinham se tornado camponeses citadinos, à semelhança dos confederados suíços, e nesse momento de feliz delírio irrompem as guerras camponesas que os camponeses perdem. Na pátria dos trabalhadores, não teria sido permitido formular isso dessa maneira, e Schwietzke se alegra com o rico jogo de perspectivas, não importando se a interpretação capta corretamente as condições reais ou não. Pois se o belo é o símbolo do moralmente bom e, por conseguinte, o atrator da percepção caótica, o conceito do MORALMENTE BOM se traduz no exercício correto e completo da liberdade, e a designação O BELO se traduz por INÍCIO, a saber, ávido,

disposto a alianças, uma circunscrição para atrator. Na opinião de Schwietzke era preciso traduzir tais expressões para o russo, do russo para o francês, para alguma língua anglo-saxônica e desta de novo para o alemão. Em cada um desses abalos surge a CHISPA DE UMA NOÇÃO. Schwietzke crê firmemente que os e as cientistas (em algum momento, também se pode dizer NÓS) nadamos no lago do desconhecido, quase já nos tornamos anfíbios, animais aquáticos embaixo de uma camada de gelo, em breve não precisando mais de respiradouro. É a capacidade natatória natural da humanidade. Sendo que Schwietzke não poderia nem mesmo mergulhar para tomar banho no lago que é a marca desse hotel no castelo por se resfriar facilmente, e nem chegar até às águas situadas a dois quilômetros dali por se julgar inapto para deslocamentos a pé dessa envergadura. Agora ele sente fome, a qual já há algum tempo fez com que o lápis se movesse mais célere em sua mão. O refeitório já estava fechado novamente. Nesse albergue extremamente organizado, a cozinha não cedia alimentos. Assim o Dr. Schwietzke, passando fome nas atividades da manhã, espera que chegue o meio-dia.

## Adorno sobre a corrente fria

“Alimentamos o coração com fantasias /

A comida petrificou o coração”

No ano de sua morte, Theodor W. Adorno faz anotações para um livro que pretendia escrever depois de concluir sua TEORIA ESTÉTICA. Ele esperava o final de uma negociação terrível, em que se tratava de repartir o orçamento do instituto entre estudantes, assistentes e os diretores. Há quatro horas que estavam sentados naquela sala de seminário com o ar denso de fumaça de cigarro. Os olhos de Adorno lacrimejavam. Dava a impressão que ele anotava as palavras dos oradores. Mas de fato ele estava trabalhando na concepção do seu livro.

A frieza é uma corrente que domina inteiramente a modernidade: este foi o seu ponto de partida. Adorno anotou que “destacada da energia libidinosa do gênero ‘ser humano’”, ela seria “semelhante à realização cognitiva. Diferentemente desta, ela produz a indiferença, a corrente fria”.<sup>9</sup>

“A história originária do sujeito” teria sido delineada na *Dialética do Iluminismo*; o que estaria faltando nela é a MODERNA METAMORFOSE do sujeito (que passou a desagregar-se em partículas). Como se dá isso? Isso está contido na observação de Marx de que o ser humano, como produtor de sua vida, como produtor de mercadorias, acaba ficando *à margem* do processo de produção. Trata-se da alienação. Ela fundamenta a observação de que a frieza surge onde um ser humano é isolado de sua realidade.

A intenção era começar o livro com uma descrição da história dos primórdios da terra. De como acima da rocha mais antiga do planeta, junto à placa canadense, forma-se uma geleira que se estende a perder de vista. Mas como, então, a força dessas massas de água fria, que estão em processo de aquecer-se, rompe a barreira da geleira que trancava o caminho para costa oriental da velha América. A imensa onda de água elevou o nível da água dos oceanos em até seis metros, inundando as calotas polares e países (inclusive egípcios), provocando, assim, as eras do gelo em que

---

9 Na dialética da corrente fria, mostra-se de um lado a NOVA OBJETIVIDADE como virtude da modernidade; o polo oposto é formado pela ALIENAÇÃO, que aqui aparece passivamente como “desligar-se”, tornar indiferente, “blindagem”.

até hoje nos encontramos.

Adorno quis distinguir essa “história natural” que produziu a “inteligência que veio do frio”, ou seja, que, na verdade, traz ao mundo a arte de manter-se aquecido, o fogo, da brisa gélida que sopra das fantasias e dos sentimentos. Em vista disso, faria parte de Auschwitz a comodidade dos agrupamentos familiares individualmente assentados no *Reich*. Produção calorosa de sentimentos mais exclusão = corrente fria.

## **A revolução está fundada no trabalho ou em ideias?**

O caráter espectral dos processos revolucionários

Um colega das múltiplas firmas controladoras de Roland Berger, atualmente ocupado com a verificação de firmas insolventes de um grande império midiático, dedicava-se, em seu tempo livre (que era bastante curto) com temas que, 30 anos antes, tinham tido alguma relação com seus planos de vida. Politicamente ele procedia de um grupo do Nordend da cidade de Frankfurt denominado LUTA REVOLUCIONÁRIA. Mas o caráter de Edwin Fuhrmann era tão persistente que, ainda no ano de 2003, ele continuava a ir atrás de questionamentos da organização concorrente da LUTA REVOLUCIONÁRIA; na sua opinião, existia uma responsabilidade geral permanente de todos os revolucionários, independentemente do grupo a que pertenciam (semelhante às relações de responsabilidade legal numa sociedade ilimitada segundo os §§ 128 e 130 do Código Comercial Alemão). Não se pode propagandear uma ideia e depois perder totalmente o elã por ela.

A pergunta de Fuhrmann tinha o seguinte teor: Mao Tsé-tung era mesmo o tirano monomaniaco que é descrito nas memórias das vítimas da *revolução cultural*? A *revolução cultural*, cujo fracasso de modo geral se constata, foi mesmo uma ação violenta arbitrária? Ela se repetirá? Pode-se aprender algo dela? Fuhrmann havia constatado que os arquivos da República Popular da China mantêm sob sigilo todos os documentos que se referem à *revolução cultural*. Ora, os métodos analíticos da verificação empresarial, que eram do conhecimento de Fuhrmann, foram aprimorados desde a reviravolta política. Suas categorias permitem descrever também processos imponentes como os da *revolução cultural* chinesa. Frente à revista *Financial Times* Fuhrmann se posicionou da seguinte maneira:

FINANCIAL TIMES: A revolução cultural chinesa vem da periferia, da Central da China ou ela vem de baixo?

FUHRMANN: Ela é o resultado de uma “boa vontade” altamente explosiva.

FINANCIAL TIMES: Ocasionada pelo quê?

FUHRMANN: Pela reforma da ópera e da opereta chinesas (do “musical político”). Esses produtos culturais desenvolveram um repositório de idealismo que estimulou o sentimento.

FINANCIAL TIMES: E o que vem da periferia?

FUHRMANN: Um rio de matéria-prima, porque os jovens que nasceram após 1949 exigiram participação. Eles não haviam participado nem da guerra nem dos primórdios da revolução.

FINANCIAL TIMES: E qual foi o aporte da Central?

FUHRMANN: As ideias de Mao Tsé-tung.

FINANCIAL TIMES: Portanto, duas vezes ideias. Da ópera e opereta e de Mao Tsé-tung?

FUHRMANN: Com certeza. Como se pode evitar na China a alienação provocada pelos processos tecnocráticos conhecidos da União Soviética?

FINANCIAL TIMES: Antes o Sr. perguntou: como se pode manter como movimentos revolucionário uma revolução que eliminou anomalias essencial (por exemplo, 40 milhões de dependentes do ópio ficaram livres da droga mediante a aplicação de métodos violentos)?

FUHRMANN: Segundo Trotzki, esse é o problema da REVOLUÇÃO PERMANENTE. Como se pode segurar no processo revolucionário primeiramente a inteligência técnica de que toda revolução, todo progresso, é dependente?

FINANCIAL TIMES: Ele foi solucionado?

FUHRMANN: De jeito nenhum. No final, todas as estruturas políticas estavam destruídas. O que ficou foi a ditadura das Comissões de Três.<sup>10</sup>

FINANCIAL TIMES: Quem foi o culpado?

FUHRMANN: Não há juízes para julgar revoluções.

FINANCIAL TIMES: Revoluções podem ser repetidas?

FUHRMANN: Em qualquer caso.

FINANCIAL TIMES: O que estava errado, as ideias ou a execução?

FUHRMANN: Um excesso de ideias em vista das realidades com certeza é errado.

FINANCIAL TIMES: Isso poderia ter sido evitado?

FUHRMANN: O Sr. quer dizer: não ter ideias?

FINANCIAL TIMES: Observar. Esperar o momento certo. Surpreendidos pelo resultado, mostramos o que aprendemos?

FUHRMANN: Antes assim.

---

10 Em vista das condenações no final da *Revolução Cultural*, foram formadas Comissões de Três, cada uma delas contando com um representante das GUARDAS REVOLUCIONÁRIAS, um do PARTIDO e um do EXÉRCITO POPULAR que se uniram num grêmio decisório ditatorial.

## Apocatástase, a “restauração de todos”\*

Pela maneira como Walter Benjamin se sentava diariamente na Biblioteca Nacional em Paris e depois ficava aguardando o GOLPE DO DESTINO nos Cafés do porto de Marselha, munido de anotações em vez de livros, não era possível ver claramente se ele partiu de impressões pessoais de sua vida, como, por exemplo, das impressões de infância, ou foi guiado por inspirações ou, de certo modo, pelos ditames de um anjo que se reportava a milhares de anos.

Parceiros de correspondência, amigos, tiveram a impressão de que esse profeta que via a si próprio como filósofo crítico, seguia ditames de estranhos. Nesse tocante, a RESTAURAÇÃO DE TODOS constituiu um conceito central nos textos que foram anotados já sob a impressão das tropas de blindados do Terceiro *Reich* que avançavam França adentro. Como podem ser restaurados, isto é, conduzidos de volta para casa e para que casa os transviados, os perversos, os fraticidas, os bons cuja bondade não é branda, o CENTRO NO PARLAMENTO DOS MORTOS, denominado PÂNTANO, os carrascos, as vítimas? Como podem ser restaurados os que se contradizem, antagônicos em si mesmos? Se a humanidade retrocedesse num torvelinho superveloz para os vales da África e desaparecesse, para que outras inteligências, e não a humanidade, pudessem imitar a inteligência divina, o que seria esse NADA senão restauração? Ninguém saberia assentar-se como os antepassados de dois milhões de anos. Nem mesmo a região dos lagos no Vale do Rift, aquela notável depressão que rasga o continente africano, seria a mesma.

Em nenhum momento quis dizer isso, anotou Walter Benjamin no dia 14 de julho de 1940, enquanto o projetista de língua afiada Siegfried Kracauer ocupava o assento diante dele. Como são reais as xícaras com café, os *croissants*, a imagem retratando o cereal egípcio! Farelos caídos sobre a laje do muro, uma vasta mancha de molho marrom com cafeína entre os colegas. Eles ainda estão vivos.

Fogo que não queima, água que não apaga. Respiração – morte pelo gás. Nossa terra – antiterra. Não é fácil para o coveiro acomodar os ossos dos mortos de modo a se encaixarem quando ressuscitarmos. A condição irrenunciável reside em que ou todos

---

\* NdT: o termo grego “apocatástase” se traduz como restituição, restauração a um estado original. O termo alemão usado para traduzi-lo, “Heimholung” significa literalmente “trazer de volta para casa”.

serão trazidos para uma comunhão que ainda não existe, mas que todos desde sempre carregavam dentro do coração, ou então o mundo se autodestruirá. Benjamin não quis ser uma cassandra. O tempo todo o instrumento para escrever puxava na direção da proclamação que obstrui a vista para as saídas, os horizontes. O tempo todo, muitas vezes mais fortemente tensionado, o escrevente se impedia de lavrar esse protocolo. Deve haver uma saída, é o que diziam os SETE JUSTOS, é o que dizia o revolucionário.

Lá fora, nas calçadas que levavam ao mar, o sol ardia implacável. Quando se perde tanto, como o sol pode servir de consolo? Anotada na sombra densa do bar, a apenas 20 metros de distância do cintilar daquele astro que ilumina o céu, neutro em relação a unidades de blindados e eruditos, a imagem aparece assim: no instante da catástrofe demolidora que pulveriza as pessoas em meio ao pó causado pelo desmoronar de aço e pedra, as pessoas que na imagem foram derretidas, as mais perversas e as boas, aproximam-se (por necessidade! No último momento!) e apagam, como se fossem UMA SÓ MÃO, as já destruídas, as pulverizadas.

Esse consenso, essa união, anota Benjamin, seria a RESTAURAÇÃO DE TODOS, a recondução de todos para casa. Ela se manifesta pelo seu sucesso. Isso era algo que Kracauer não queria difundir de jeito nenhum. Por exemplo, o sucesso de um filme não se mostra no fato de que, ao deixar impassível o público da pré-estreia, massas de vivos e mortos entram aos empurrões pelas portas do cinema e provocam a reversão do insucesso completo. Kracauer tinha fantasia, mas não era crente.

## Um episódio na batalha de Stalingrado

“Não se pode comprar a volta à pátria.”

A. Puschkin

O escritor russo Constantino Simonov afirma: em termos técnicos, nunca ocorreu uma batalha de Stalingrado. A derrocada do 6º Exército, isto é, a patética redução de uma massa de 300.000 soldados do *blitzkrieg* a um punhado desesperado de grupos isolados (mas jamais de indivíduos) foi decidida no momento em que se uniram os comandos do sul e do noroeste do Exército Vermelho junto a Kalatch, ou seja, quando se fechou o cerco constatável no mapa. Só o que faltava ainda era a ordem de resistir dada por Hitler, que fixou o exército nessa disposição cartográfica. Os eventos reais que preenchem o espaço de tempo de 19 de novembro de 1942 a 2 de fevereiro de 1943, consistem de detalhes: comer linguiça, passar fome por vários dias, administrar restos das forças de pessoal e de munição, telefonar, achar a sua própria gente, ficar deitado após ser ferido, esperar nos dois aeródromos do vale, remover neve etc. Uma multiplicidade de detalhes, mas jamais um confronto humano de adversários que se pudesse chamar de batalha.

Nessa miscelânea de realidade e irreabilidade, aconteceu que um oficial da reserva, diretor da escola superior de uma pequena cidade na Baixa-Renânia, amado por sua mulher, com quem tinha se casado em 1939, major da reserva, apresentou-se no aeródromo de Gumrak com um ferimento superficial na parte interna do braço; ele se assustara com a perfuração que lhe cortou a pele da axila até o pulso sem representar perigo de vida. O médico do regimento passou uma pomada na ferida. Ele não tinha material para curativos. E recusou um passe que teria possibilitado ao oficial o voo para fora do vale cercado.

Então o major da reserva avançou até os aviões Junker, que deixavam sem regularidade o último campo de aviação dessa miséria. Dentro da sua veste, havia sido costurada uma soma em dinheiro vivo de 10.000 marcos do *Reich*. Sua mulher chamou isso de “traje da salvação”. Foi essa veste que o homem descosturou depois de sua pele ter sido retalhada, sem noção certa da realidade, e retirou o valor. Ele queria dar esse dinheiro ao primeiro piloto que passasse por ali, caso este o aceitasse na sua aeronave como ferido grave. Na margem do campo de aviação, explosões provocadas pelo Exército Vermelho para perturbar as manobras de voo. Por causa disso, o piloto tinha

pressa, e até estava em pânico. É provável que não tenha se dado conta imediatamente do valor do pacote de cédulas de marcos, além de considerar o pedido como algo remoto. Nesse lugar, não havia a possibilidade de trocar dinheiro por salvação. Pelas mesmas razões – conhecimento insuficiente da situação, pressa provocada pelo medo – ele não quis apresentar denúncia da tentativa de suborno.

Assim, por aquele momento o major estava a salvo. Ele segurava o pacote de dinheiro na mão. Mas um gendarme da infantaria que atravessava o aeródromo percebeu o ocorrido. Ele, para quem qualquer voo para fora do vale cercado estava fora de cogitação, pois os gendarmes de campo tinham de manter o lugar até o fim, dispunha do tempo para reconhecer o ilícito na intenção do major. O homem desesperado foi preso e fuzilado ainda antes do escurecer daquele dia. Nevava e o crepúsculo caiu gradativamente.

## **Meretrício de trabalhadores**

Doze semanas antes da insolvência do conglomerado Holtzmann da área da construção, um lote de imigrantes ilegais chegou para trabalhar num canteiro de obras em Staßfurt. Os salários, 80% abaixo do nível nacional, eram considerados enormes pelo grupo introduzido ilegalmente. Quatro semanas mais tarde, o capataz levou todo o plantel, incluindo os ilegais, para um canteiro de obras situado a norte de Friedberg, no Estado de Hessen. Ali, todos os envolvidos fizeram fiasco. Os contêineres foram esvaziados. Por dois dias, o albergue da juventude de Friedberg hospedou alguns dos ilegais durante a noite sem pedir documentos. Os trabalhadores-meretrizes estavam praticamente perdidos, porque não conseguiam comprovar com papéis nem o caminho que haviam percorrido na República Federal da Alemanha, nem sua entrada no país. Eles foram concentrados em um campo ao norte de Frankfurt e enviados de volta para os seus países de origem por transporte aéreo caro. Como eles por precaução informaram falsos países de origem, seu problema consistia em encontrar trabalho no estrangeiro, não importa a que preço, ou tentar descobrir como fazer a viagem de volta às regiões sem perspectiva de onde provinham.

## O que é verdade?

“Amo a permuta.  
Lá faíscam penas  
/  
De gritos cai uma  
chuva bem  
ingênua.”

*Ossip Mandelstam*

- O Produto Social Bruto em seu conjunto não tem por si só grande importância.
- O que quer dizer isso?
- O produto físico.
- O que quer dizer produto físico?
- Milhões de agricultores produzem seu produto. Cinco milhões de operários trabalham em fábricas. O produto dos operários das fábricas pode parecer pequeno frente à massa do produto dos agricultores, mas como estes consomem imediatamente grande parte do seu produto, este praticamente não resulta em mais-valia ou poderio militar.
- E 17 corretores de ações da bolsa de valores?
- Não produzem coisa alguma.
- E para que se precisa mais-valia e poderio militar?
- Não consigo descrever isso para o Sr.
- O Sr. é membro da *Royal Society*. Se o Sr. não sabe isso, quem é que pode saber?
- Não quero me esquivar do tema, alegando que seria complicado. No fundo é bem simples. Força de trabalho por hora, projetada para bilhões de horas e pessoas, faz surgir um produto. Nada mudou na análise desse fato desde Adam Smith. Mas sabemos apenas por alto como se decide na comunidade mundial sobre o valor do produto (e, quanto a isso, não posso lhe dizer, como juiz superior, quem decide sobre essa apreciação, mas com certeza não é nenhum dos poderosos que decide). Em última instância, quem decide isso é a bolsa.
- E isso é infalível?
- Infalível não, mas influenciável.
- Mas, então, o que há de errado na tese: “todo desenvolvimento se decide na produção” (Karl Marx)?

- Possivelmente não tem nada de errado nessa tese, só que ela não se comprova na realidade.
- Nesse caso, o que há de real na realidade?
- O Sr. não me pergunte isso. Isso eu não sei.

## A dialética é capaz de sonhar?

Foi dito que fantasmagorias seriam “imagens sonhadas da época vindoura”. Ao criar as “imagens dialéticas”, ou seja, as “imagens encantadas” em analogia às alegorias e aos emblemas do século XVII, Benjamin se apoiou na caracterização da emancipação em Marx como “despertar de um sono”. Imagens dialéticas seriam produtos da libido, que ela puxa do mundo de desejos noturnos para dentro do dia.<sup>11</sup>

Adorno considera essa posição como *kitsch* filosófico. Quem faz surgir relações sociais e, desse modo, a época vindoura, seriam as máquinas, as fábricas sociais movidas pela força propulsora do caráter de mercadoria. A interpretação de Benjamin “desencantaria” a imagem dialética e a tornaria “sociável”.

---

11 Benjamin: “O aproveitamento dos elementos oníricos por ocasião do despertar é o caso didático do pensamento dialético. É por isso que o pensamento dialético é o órgão do despertar histórico. Pois cada época não sonha só a próxima, mas sonhando abre caminho para o despertar” (*Gesammelte Schriften*, v. 1, p. 59. “A reforma da consciência consiste *tão-somente* em despertar o mundo [...] do sonho sobre si mesmo” (Karl Marx, *Der historische Materialismus, Die Frühschriften*, Leipzig, 1932, v. I, p. 226).

## Sede da alma

Uma economista agrária da região a oeste de Stavropol, que continuava seus estudos na Universidade Humboldt (ela ganhava o dinheiro para o sustento em um estabelecimento em Wedding), insistia em que a sede do amor como objeto de trabalho para pessoas civilizadas não está no interior do indivíduo, mas é a rede/teia que forçosamente surge entre as pessoas que consomem umas com as outras as relações amorosas. Essa rede/teia sempre é mais rica do que aquilo que duas pessoas que dizem amar-se podem pretender. Pois acrescenta-se a isso o amor a pai e mãe, amor pelos horizontes de esperança, afeição pelos lugares familiares. Até o olhar captado de um passante pode acrescentar algo; o outro nem precisa compartilhar e estar a par de tudo isso.<sup>12</sup>

Nesse SER VIVO CHAMADO AMOR, semelhante a um animal que se estende entre os que amam, um ou ambos (ou terceiros como alcoviteiros e amigos) podem realizar trabalho, mais precisamente, atividade de transformação material. Liuba W. afirma que o mesmo não se aplica à *atividade solitária*, voltada para dentro, de quem ama. Liuba compara esse tipo de ocupação de cunho mais cismativo (usando a designação russa “trabalho de amor”) com o LABORATÓRIO DE UM ALQUIMISTA. Essa atividade seria pré-industrial. Como se fossem colecionadas reservas de venenos e substâncias curativas. Mas será que o outro as beberá? Chegará a aceitar a dádiva?

Assim sendo, escreve Liuba, duas pessoas passar a vida inteira lado a lado produzindo interioridade sem alcançar qualquer transformação material (conserto, adaptação, mudança do estado da unidade agregada) de sua relação. Diante disso, o cenobitismo no amor não tem nenhuma chance civilizatória, afirma Liuba.

---

12 Liuba W. não consegue pagar seu sustento e os custos do estudo com suas aptidões como economista agrária, mas somente entregando o seu corpo. Entretanto, para colocar-se à disposição de um cliente para aconselhamento pessoal ela cobra o mesmo preço que para prestar exclusivamente informações a um jornalista sobre a prática do seu ofício em Wedding. No caso desse trabalho assalariado, trata-se sempre de unidades de duas horas.

## **O caráter de mercadoria do amor, da teoria e da revolução**

Seria improvável que, justamente o amor, que regula a intimidade, o que temos de mais importante, não tivesse sido encampado pelo capitalismo no PERÍODO DO CAPITALISMO. Foi o que disse o visitante ocidental para o comissário do povo Trotzki. Ele balançou a cabeça. O problema não constaria na ordem do dia do Politburo. O tema pressuporia tempos mais tranquilos, nos quais houvesse tempo para discussão.

O visitante ocidental havia tomado lugar numa cadeira de vime na cozinha. A cozinha era contígua à central telefônica. Os muros espessos do Kremlin não permitiam reconstrução. O capitalismo não tem a ver necessariamente com dinheiro, prosseguiu o visitante ocidental. Como autor, ele tinha um certo status, de modo que Trotzki foi forçado a escutá-lo; e assim também os sete auxiliares de Trotzki o escutaram. Como se sabe, a forma elementar seria a mercadoria, continuou o visitante. Ela revelaria uma capacidade de transformação quase teológica. No saco de cereal, vejo a lasca de um diamante que troco por ele, a parte de uma casa, uma escola, um pedaço de floresta ou de ouro, vejo os olhos de um mendigo e assim por diante. E qual a diferença no caso das relações amorosas? Nas sociedades industriais avançadas, a troca de mercadorias seria alimentada pela busca da felicidade. No caso das mercadorias “amor” e “ódio”, porém, foi estabelecida a condição de que essas mercadorias só poderiam ser negociadas dissimuladamente, como que por baixo de um pano preto (ou por baixo da mesa). Em 15 minutos, começaria a reunião dos comissários do povo no andar abaixo da cozinha.

Trotzki respondeu que a última condição “como que por baixo de um pano preto” muitas vezes já lhe teria chamado a atenção na Rússia. Abertamente não haveria nenhum tipo de troca entre os sexos. Eles coexistem de modo hostil e desconfiado, esse seria o problema do continente.

O visitante ocidental prosseguiu dizendo que essa pergunta não poderia ser tratada de modo dilatatório. Ele havia empreendido uma longa viagem até ali, estava calibrado para longos períodos de espera. Isso o levou a supor que também aqui, no centro do poder, predominava o ócio, ou seja, o tempo para expor ideias e ponderá-las sem pressa. Ele opinou que o bloqueio não resolvido entre os sexos impede o progresso da Rússia há 400 anos. O poder soviético teria herdado o problema e estaria sendo negligente em não o destrinchá-lo analiticamente mesmo dispondo

da teoria para fazê-lo.

- A teoria marxista?
- Exatamente.
- Numa interpretação psicanalítica?
- É nisso que ela se transforma. As teorias também têm o caráter de mercadoria, a metamorfose, como forma elementar.
- Por baixo de panos pretos?

Não, às teorias isso não se aplicaria de modo algum. Nenhuma troca dissimulada. A teoria não tem vergonha, muito pelo contrário. A capacidade de troca da teoria, sua metamorfose permanente, seu caráter social (caráter camaleônico), seria bem mais fácil de manejar do que a REVOLUÇÃO PERMANENTE. Isso faz da teoria um divertimento público. Era hora do grupo de sete auxiliares dirigir-se definitivamente com Trotzki para o andar de baixo.

## Índice de fontes

As histórias contidas nesta coletânea provém dos seguintes livros de Alexander Kluge, publicados pela Editora Suhrkamp (os números após a indicação da fonte se referem à página inicial do respectivo texto na presente compilação):

*Die Lücke, die der Teufel läßt*, Frankfurt am Main, 2003: 7, 9, 11, 12, 14, 18, 20, 21, 23, 25. [mudar números de acordo com a edição em português]

*Tür an Tür mit einem anderen Leben*, Frankfurt am Main, 2006: 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 43, 45, 47, 49, 51, 52, 53, 55. [mudar números de acordo com a edição em português]